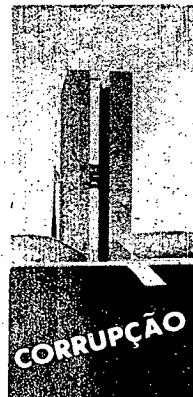


Passarinho teme que brigas



As brigas internas e partidárias na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Orçamento chegaram a tal ponto que o presidente, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), já teme pelo êxito da votação do relatório final. O relator, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), pressionado pelo deputado Fernando Lyra, do PDT pernambucano, renunciou à relatoria do caso do deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE). Lyra pôs Magalhães sob suspeição e disse que só acreditaria que o relator é "macho" se este sugerisse, no relatório, a cassação de ex-ministro Fiúza.

"Tenho conseguido controlar as sessões até agora, mas temo o dia da votação do relatório final", lamentou-se Passarinho. Ele está indignado com o deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ). No último sábado, Vivaldo "invadiu" a sala onde era tomado o depoimento do governador de Sergipe, João Alves

Filho (PFL). Houve muita bate-boca e, após duas horas de discussão, Vivaldo foi aceito na sala. Acontece que o maior adversário de João Alves Filho em Sergipe é o prefeito de Aracaju, Jackson Barreto, do PDT. O PFL acusou Vivaldo de estar a mando do inimigo político do governador. "O deputado Vivaldo Barbosa nem é da comissão", disse Passarinho.

Roberto Magalhães irritou-se ao ser posto sob suspeição por Fernando Lyra, que é o segundo-vice-presidente da Câmara. Ele disse que não poderia participar do relatório sobre o deputado Fiúza — de quem já afirmou publicamente que é amigo —, por causa das afirmações de Lyra. Entregou o cargo a Passarinho e este nomeou, para fazer um relatório parcial sobre Fiúza, o senador Élcio Álvares (PFL-ES). Passarinho teve o cuidado de nomear Álvares porque ele é do PFL, mesmo partido de Fiúza.

As brigas internas na CPI por causa das questões partidárias tiveram início logo depois que o PFL e o PPR, aliados, conseguiram destruir os dois principais líderes do PMDB — o ex-presidente da Câmara Ibsen Pinheiro (RS) e o então lí-

der do partido Genebaldo Correia (BA). O deputado José Dirceu (PT-SP) procurou o PMDB e propôs uma aliança para atacar o PFL e o PPR, mas o partido de Ibsen e de Genebaldo ressentiu-se do forte golpe sofrido pelos dois líderes e ficou muito tempo na defensiva. Acabou sem articulação.

Após recuperar-se do golpe do PFL e do PPR, numa das reuniões internas e secretas — que Passarinho chama de "reunião de trabalho" —, o deputado Roberto Rorlemburg (PMDB-SP) disse: "Agora que o PFL já conseguiu ouvir todo mundo do PMDB, chegou a vez de entregar seus parlamentares ao sacrifício". A frase dele provocou muita briga. "As sessões públicas, transmitidas pela TV e assistidas pelos jornalistas, são tranqüilas", disse o senador Passarinho.

Nestas sessões, a disputa não é apenas partidária. Transfere-se também para o Senado e para a Câmara. Passarinho foi acusado de estar protegendo os senadores — seus colegas de Casa — porque demorou muito a marcar o depoimento dos acusados Ronaldo Aragão (PMDB-RO) e Mansueto de Lavor (PMDB-PE). □ 2

comprometam relatório